

PROCEDIMENTOS FILOSÓFICOS MARGINAIS. POSSÍVEIS RESISTÊNCIAS NO CENÁRIO ATUAL?

*Marginal philosophical procedures. Possible resistances in the current
scenario?*

Yolanda Gloria Gamboa Muñoz¹.

Resumo: Seguindo o mesmo roteiro de exposição utilizado na participação na Mesa “A margem do pensamento calculante: sonhos e imagens no mundo da técnica”, no Primeiro Encontro de Sonhos e Imagens na Filosofia, mencionarei algumas notas interpretativas oriundas do estudo dos sonhos de Zarathustra. Posteriormente, numa referência à ampla e complexa problemática da imagem, me limitarei a assinalar, como existem, na reflexão atual, discordâncias sobre a temática da “imagem de si”, principalmente a partir de Foucault e Veyne e, finalmente, esboçarei a possibilidade de sonhos e imagem de si serem usados como procedimentos de ruptura em análises do cenário atual.

Palavras-chaves: sonhos, imagem de si, cenários.

Abstract: Following the same exhibition script used in my presentation in the Table "The margin of calculating thinking: dreams and images in the world of technique", in the First Encounter of Dreams and Images in Philosophy, I will mention some interpretative notes from my study of Zarathustra's dreams. Later, in a reference to the broad and complex problem of the image, I will limit myself to pointing out, in the current reflection, disagreements, as there are, on the theme of "self-image", mainly from Foucault and Veyne. Finally, I will outline the possibility of dreams and self-image being used as disruptive procedures in the analysis of the current scenario.

Keywords: dreams, self-image, scenarios

Já no século II antes de Cristo o Deus-máquina descia ao centro da cena teatral para solucionar um conflito. Hoje, que pensamos a máquina como dispositivo, poderíamos nos perguntar se ela não continua a ter o caráter duplo de marco e de truque? (OSSA, 2019).

* * *

Agradeço aos integrantes dessa Mesa a participação e colaboração, bem como ao público que, nesta ocasião, encontrou tempo e espaço para nos acompanhar ativamente nestas reflexões. Esclareço de partida que não pretendo entrar na problemática da técnica

¹ Professora dos Programas de Graduação e Pós-graduação em Filosofia da PUC/SP.

como tal, mas simplesmente assinalar de que maneira tento, atualmente e a partir de determinados estudos de filosofia contemporânea, pesquisar rupturas no cenário do grande cansaço ou no cenário do neoliberalismo considerado em seu aspecto de aprimoramento quantitativo e veloz, demandando e absorvendo crises e conflitos, ou ainda, quando restringidos ao âmbito biopolítico, enfatizar no cenário da atualidade, seu uso negativo². Em contraposição, nomeio como brechas as possíveis rupturas e perspectivas críticas de resistência afirmativa como possibilidades a serem efetivadas nesse mesmo cenário.

Nossa aposta, na organização deste encontro, foi precisamente dar espaço para constituir exemplos de rupturas. Não tratamos de “grandes temáticas filosóficas”, mas marginais e desvalorizadas: sonhos e imagens. O encontro nasceu do interesse e da produtividade de quem participou refletindo e criando, a partir de uma demorada leitura sobre os sonhos de Zaratustra, temática que, não por acaso, alguns participantes terão como uma das suas referências ou pontos de partida, alterando assim o esquema de construção a partir dos pretensos “fundamentos filosóficos firmes”.

OS SONHOS DE ZARATUSTRA

No livro II encontramos o aforismo denominado *A criança com o espelho* (*Das Kind mit dem Spiegel*) (NIETZSCHE, 2007, p. 85-7). Sem inocência, começa como um relato (*Hierauf...Então...*); Zaratustra teria se afastado dos homens e voltado à sua caverna (*Höhle*) e à solidão das montanhas. Acrescentemos que nessa menção há um movimento contrário ao da caverna platônica, localizada no subsolo; enquanto a caverna de Zaratustra está nas alturas, na montanha, isto é, no lugar mais elevado da terra, mas que ainda é terra.

O que Zaratustra fez na sua caverna?

Aguardou como um semeador que lança sua semente. Porém, sua alma encheu-se de impaciência e desejos daqueles que ama, pois ainda tinha muitas coisas para doar (NIETZSCHE, 2007, p. 85)

² Nesse aspecto pretendemos assinalar a biopolítica como “somatocracia” ou forma de governo dos corpos, como uma chave no desenvolvimento do capitalismo. Sobre o problema do uso atual da palavra biopolítica, Salinas Adán, “Biopolítica, sinopses de um conceito” (2015, 101-137)

Sobre o tema da doação, Nietzsche havia fechado o livro I com a meditação “Da virtude que faz presentes” (NIETZSCHE, 2007, p. 76-81). Por isso, neste momento “Da criança com o espelho”, surge a problematização de como fechar, por amor, a mão aberta? isto é, a cautela e o pudor (*Scham*) para quem faz presentes, sobretudo presentes espirituais, como os de Zaratustra.

Nessa sua solidão da caverna transcorrem meses e anos, mas a sabedoria crescia e lhe causava dores (*Schmerzen*) pela sua abundância.

Uma manhã, acordou antes da aurora, meditou longamente em seu leito, e, finalmente, falou ao seu coração:

“O que me assustou tanto em meu sonho que acordei? Não se aproximou de mim uma criança com um espelho?”

Zaratustra, disse esta criança, olha-te no espelho! (*Schau dich im Spiegel an!*)

Quando, porém, me olhei no espelho dei um grito de espanto (*Aufschrei*). Meu coração estava fortemente comovido, pois eu não me vi no espelho, mas uma careta (*Fratze*) com a risada cínica (*Hohnlachen*) de um diabo (*Teufel*)” (NIETZSCHE, 2007, p. 85).

Até aí temos o relato do sonho capaz de trazer consigo a possibilidade de muitas interpretações encapsuladas por Nietzsche e que não excluem: ressonâncias bíblicas do semeador, contos de crianças, a imagem do espelho, simbologias da aurora (o texto ia ser chamado Uma segunda *Aurora*) simbologias do Diabo etc.

Porém, detenhamo-nos simplesmente na problemática da interpretação desse sonho, que é feita pelo próprio Zaratustra. Em primeiro lugar, ele disse compreender o signo e advertência de seu sonho. Sua doutrina, seu ensinamento (*Lehre*) encontra-se em perigo, *o joio quer se chamar Trigo!* Em outras palavras, *seus inimigos tornaram-se poderosos e deformaram a imagem de seu ensinamento (...)* *haben meiner Lehre Bildnis entstellt*) (NIETZSCHE, 2007, p. 85). Essa deformação, disse Zaratustra, afetou seus amigos fazendo com que ele os perdesse, levando-o a diagnosticar a chegada da hora de procurá-los. Valendo-se da parábola da ovelha perdida presente no Evangelho (de Lucas, 15:4 e seguintes), Zaratustra, como sempre faz ao utilizar frases do Evangelho, desvia e às vezes inverte a interpretação tradicional.

Cabe assinalar que, após seu sonho, Zaratustra dá um salto que tem toda a força e a forma do *de repente* que os gregos consideravam próprio do espanto e da admiração. Mas, ao fazer isso, deixa o medo de lado, não se comportando como um angustiado que

procura ar, mas como alguém que atua na forma de um vidente ou cantor, de quem se apodera o espírito (NIETZSCHE, 2007, p. 85).

Surpresos olham para ele seus animais: a águia e a serpente. Lembremos que esses animais alegram o coração de Zaratustra, desde o começo de seu percurso. Trata-se da companhia do animal mais orgulhoso (águia) debaixo do sol e do animal mais inteligente (serpente), que se arrasta pela terra; eles são, ao mesmo tempo, animais solitários e Zaratustra os vislumbra ao meio-dia, já no fim do prólogo, formando um conjunto: a águia cruzando o ar marcando amplos círculos e, enroscada em seu pescoço, como uma amiga, mantinha-se uma serpente (NIETZSCHE, 2007, p. 26)³. Neste aspecto, aparentemente lateral, não podemos deixar de mencionar a presença animal no *Zaratustra*, que não poderia ser interpretada somente como referências simbólicas ao “eterno retorno”, mas também como uma temática do animal em nós⁴. Voltando ao sonho em análise não parece ser um acaso que sejam esses seus animais que olham agora para a alegria que se desprende da nova *imagem* do Zaratustra, com sua felicidade de aurora, que ele próprio interpreta como “transformação” (NIETZSCHE, 2007, p. 85-6).

Sobre essa atitude, produto da análise de seu sonho, Zaratustra marcará sua jovem felicidade, quase tola, com a qual teremos que ser pacientes. Assim, ao descer novamente para falar aos seus amigos e inimigos, sua impaciência se derrama, jorra para baixo; sai da montanha calado e desce até o vale. Passa assim de um estado em que aprendeu o silêncio, aprendeu a calar, olhando tudo de longe, para um estado em que fala, como transformado numa boca, derramando sua fala sobre os vales.

Trata-se de um novo começo, novos caminhos, novos discursos, onde sua espiritualidade não quer mais caminhar com solas gastas. Dessa forma quer navegar sobre os mares até encontrar as ilhas bem-aventuradas, onde estão seus amigos e seus inimigos. Sua liberdade e sua felicidade chegam como tempestade, ainda que seus inimigos pensem que é o *Maligno* que está furioso acima de suas cabeças (NIETZSCHE, 2007, p. 86). Trata-se simplesmente de sua sabedoria selvagem, sua leoa sabedoria, que deveria aprender a rugir com ternura. Usa, nesse caso, a metáfora das flautas pastoris para atrair seus amigos, uma vez que sua sabedoria selvagem (leoa) corre pelo deserto de forma tola

³ Ponto que diversos intérpretes vão marcar como uma imagem premonitória do “eterno retorno”.

⁴ Sobre a maneira atual de pensar a problemática animal e inseri-la numa “biopolítica afirmativa”: *La filosofía animal de Nietzsche* (LEMM, 2010, p. 15-35)

e procura, no entanto, um gramado suave no coração dos amigos. (NIETZSCHE, 2007, p. 87)

Mesmo na impossibilidade de fazer uma análise detalhada, lembremos que há também pesadelos nos caminhos de ascenso e descida de Zaratustra, como em *O Adivinho (Der Wahrsager)* (NIETZSCHE: 2007, 136-140), pesadelo que *vaticina* o cansaço de um guardião noturno de túmulos no castelo da morte. Esse pesadelo, enigmático e ainda sem alas, será interpretado alegremente, não por Zaratustra, mas, a pedido dele, pelos discípulos, que o farão a partir do que consideram a vida de Zaratustra, deste porta-voz da vida (*Fürsprecher des Lebens*), vento capaz de arrancar as portas dos castelos da morte e penetrar nos túmulos como gargalhadas de crianças (*Kindes-Lachen*). Ele, no entanto, só consegue abandonar seu leito e sua tristeza quando os discípulos o levantam e o põem em pé. Há novamente a ênfase da ação a partir do sonho, mas de forma completamente diferencial do sonho da criança com o espelho. Neste caso, a ação posterior será comer junto ao adivinho, fazendo dessa forma uma “penitência pelos seus maus sonhos”.

Mencionemos também um outro sonho, *Dos três males (Von den Drei Bösen)*, (NIETZSCHE: 2007, 187-191), em que Zaratustra encontra-se sobre um promontório, para além do mundo, sustentando uma balança e pesando o mundo. Sonho de aurora de um navegante audaz, que após esse sonho matinal, tem tempo e paciência para pesar *alegremente* o mundo. Nesta ocasião poderá avaliar o mundo e até o mais maldito no mundo: voluptuosidade (*Wollust*), ambição de domínio (*Herrschaft*) e egoísmo (*Selbstsucht*). Dessa forma podemos vislumbrar como Zaratustra inventa um gesto diferente que se afasta das sentenças dos três juízes platônicos. Lembremos que esses juízes sentados num lugar divino, estavam situados entre aberturas para a terra e para o céu e, após pronunciarem sua sentença, marcavam as almas “justas” na frente, direcionando-as para a direita e para o alto, enquanto as almas “injustas” levavam atrás, nas costas, a sentença que as direcionava para esquerda e para baixo (PLATÃO, 614e ou 1983, p. 488). Acrescentemos também que Zaratustra vai criando essa distância gestual, que finalmente o distanciará da fria justiça que se tornou vingança, como na imagem da caverna Das tarântulas (*Von den Taranteln*) (NIETZSCHE, 2007, p. 102-5).

É a existência dessa via não freudiana dos sonhos que gostaria de enfatizar neste Encontro, uma vez que nos parece aberta para ser explorada diferencialmente, na forma de práticas de resistências catalizadoras. Nos três sonhos mencionados, como uma atitude de transformação na *Criança com o espelho*, como criação de uma nova forma de

penitência no caso do pesadelo e vaticínio do *Adivinho*, e como um tipo de avaliação do mundo distante da vingança, no caso dos *Três males*. Coincidentemente, três atitudes opostas ao grande cansaço, típico de nosso cenário calculante, quantitativo, competitivo, auto-produtivo, ligado ao soma-político (somatocracia), onde sem inocência são agigantadas as auto referências, as auto exposições na mídia tecnológica⁵, contribuindo para acentuar um grande cansaço sem avaliações qualitativas, sem escolhas, sem afastamentos, assentado numa suposta igualdade mediática que esconde seu aspecto domesticável e gregário. Cenário que ecoa o que já no século XIX, era caracterizado por Zaratustra, Nas ilhas bem-aventuradas (*Auf den Glückseligen Inseln*), como um não-mais-querer (*Nicht-mehr-wollen*), não-mais-estimar (*Nicht-mehr-schätzen*) e não-mais-criar (*Nicht-mehr-schaffen*). Recordemos a exclamação de Zaratustra nessa descrição: que esse grande cansaço (*grobe Müdigkeit*) fique sempre longe de mim!!!! (NIETZSCHE, 1983, p. 235 e 2007, p. 89)

O SILÊNCIO SOBRE ‘A IMAGEM DE SI’ EM FOUCAULT E A DOAÇÃO VEYNIANA.

Como todos sabem Foucault marcou três alvos diante do que na sua época tornava-se habitual⁶. Um deles era afastar os sonhos de Freud. Por isso, e segundo minha leitura, mascarando suas referências ao tempo futuro e às previsões, retomará os sonhos em Artemidoro e seu caráter premonitório (MUÑOZ, 2019, p. 175-188). Pode-se constatar que nas leituras sobre poder e política em Foucault estão sempre presentes as dificuldades de lidar com previsões e diagnósticos antecipatórios, uma vez que os mecanismos e procedimentos só podem ser avaliados *a posteriori*. Esclareço que nossa leitura de Foucault não é a habitual, costumamos enfatizar as armadilhas e o terreno minado por bombas de humor de seus livros que pululam no meio da discursografia. Nesta ocasião recolheremos simplesmente um aspecto nominal de seus escritos: a

⁵ Conservo a exposição tal e como foi exposta em outubro de 2019, antes da “catástrofe” que nos deixou dependentes das redes e da mídia tecnológica; cenários em onde temos tentado, através de aulas, reflexões e conversações criar algumas brechas: <https://www.youtube.com/watch?v=920kHn9WP-c>; www.youtube.com/watch?v=mDnx0-ijWxQ e https://www.youtube.com/watch?v=IgyGpUrK_Lo&feature=youtu.be

⁶ Era a luta contra o que na sua época tornava-se habitual que levou Foucault a marcar três alvos: sair da intimidade com Marx, afastar os sonhos de Freud, e não tratar os "sistemas de signos" com respeito (como se pode deduzir a partir do prefácio ao *Anti-Edipo*) (FOUCAULT, 1994a, p. 133)

ausência ou a não utilização da expressão “imagem de si mesmo” nas suas análises da antiguidade⁷.

Sabemos que os últimos livros e cursos de Foucault trazem à luz um aspecto esquecido pela cultura ocidental socrático-platônica, que teria privilegiado somente “o conhecimento de si” (FOUCAULT, 1994b, p. 783-813). No entanto, a esse seu ressaltar o “cuidado de si” teríamos que acrescentar um esquecimento, ou talvez, um ligeiro abandono tático produzido pela leitura e escrita de Foucault sobre essa antiguidade: a importância da “imagem de si mesmo”, que não poderia ter sido dissociada desse cuidado.

Segundo minha leitura existe uma rede de problemáticas discursográficas sobre a imagem, que Foucault abandona desde seus primeiros escritos sobre ficção e literatura: a imagem não deve ser usada para brilhar, mas para provocar explosões (FOUCAULT, 2015, p. 1220). Aliás, a expressão imagem de si mesmo poderia enfatizar o si mesmo em relação à “invenção da interioridade cristã” e à confissão, o que talvez marque em relevo seu afastamento dessa problemática, conduzindo-o, posteriormente, a privilegiar somente a atual e conhecida ênfase no “cuidado de si mesmo” na antiguidade greco-romana. Sabendo da dificuldade de operar somente com o *cuidado de si*, no curso (sem armadilhas) da *Hermenêutica do Sujeito* afirma:

Não se pode cuidar de si, por assim dizer, na ordem e na forma do universal. Não é como ser humano em quanto tal, não é simplesmente em quanto pertencente à comunidade humana, mesmo se este pertencimento for muito importante, que o cuidado de si pode manifestar-se e, principalmente, ser praticado. Somente no interior do grupo e na distinção do grupo pode ele ser praticado (FOUCAULT, 2001, p. 114 e 2004, p. 145).

Porém, nessa materialidade do grupo na polis, nesse ponto, ou vazio nominal, situa-se, segundo minha proposta de leitura gestual, a análise da “imagem de si” resgatada por Paul Veyne. Podemos constatar como, no meio da alquimia de erudição, humor e irreverência constituída pelos escritos veynianos, insere-se o cuidado crítico com seu próprio amigo Foucault. O caso da *imagem de si* é exemplar, mesmo que não seja o único aspecto susceptível de destaque nessa relação; a atitude de Veyne não menciona a eliminação, desaparecimento, ou parede oca construída por Foucault na Antiguidade, ao

⁷ No curso *L'Herméneutique du sujet*, existe, no entanto, uma referência “à imagem que se apresenta ao espírito” em Marco Aurélio (FOUCAULT, 2001, p. 282), mas que não diz respeito ao seu próprio instrumental analítico em operação no bloco greco-romano.

silenciar a imagem de si mesmo. Simplesmente, ao diagnosticar o vazio deixado pela ausência dessa *imagem*, acaba trabalhando-a e acrescentando-a ao *cuidado de si*, destacando-a constantemente. Porém, esse gesto de doação é silencioso, efetuado com pés de pomba, como diríamos utilizando uma metáfora nietzschiana, ou usando as próprias palavras de Veyne em outro escrito, trata-se da prática do “mecenato intencional da amizade”. Assim o fará no artigo “O indivíduo ferido no coração pelo poder público” (VEYNE: 1987, 7-19), que trata precisamente da “imagem de si mesmo” em várias dimensões. Como destaquei em diversas oportunidades (MUÑOZ: 2005, 345-8), essa imagem de si mesmo (*image de lui-même*) mostra historicamente que o indivíduo é um ser que dá valor e permanece atado à imagem que tem de si próprio. É o cuidado dessa imagem que o leva a obedecer, revoltar-se e, mais amiúde, a obedecer ainda mais... Opera-se nessa relação consigo mesmo, produzida à medida em que se obedece ao poder público de forma diferencial, grupal ou de classe. Em síntese poderíamos nos perguntar: Constitui esse artigo uma crítica ao amigo Foucault? Ele retoma, como tarefa, a dificuldade que o próprio Foucault encontrava ao caracterizar os grupos no bloco greco-romano em termos só de *cuidado de si*? Constatamos que inexistente essa crítica explícita; em nenhum lugar Veyne diz que nos estudos foucaultianos sobre a antiguidade greco-romana faltou uma ênfase à *imagem de si*. Porém, ao pensar em termos de “raridade” (MUÑOZ: 2005, 64)⁸, recolhe essa problemática como um ponto a ser preenchido e faz questão de mostrar a importância que tinha na antiguidade, explicitada no caso de Nero, a distinção entre as imagens de si dos plebeus (que demandam a superioridade de Nero, isto é, de quem os comanda) e a imagem de si dos notáveis da antiguidade (que exigem a igualdade relacional com Nero). Análise diferencial que, mediante um gesto inesperado, Veyne estende até a atualidade, mostrando como nas eleições políticas contemporâneas⁹ (VEYNE: 1987, 9), o cidadão vota em imagens muito mais do que em programas políticos, à medida que na “imagem de si” está em jogo a relação consigo mesmo, no sentido de um ter que obedecer a alguém que comanda ou pretende comandar.

USANDO SONHOS E IMAGENS COMO PROCEDIMENTOS

⁸ Problemática pouco estudada e, no entanto, assumida por Foucault que teria que ser relacionada à problemática das possibilidades em termos políticos e de poder que tanto inquieta atualmente aos estudiosos de Foucault.

⁹Refere-se a de Gaulle.

Finalizo o percurso desvelando determinadas apostas em jogo, ou nosso marco e, ao mesmo tempo nosso truque, como diz a epígrafe escolhida. A primeira diz respeito ao pluralismo interpretativo nos sonhos de Zaratustra; temática até agora desconsiderada até por quem pretendia “afastar os sonhos de Freud”. A segunda, como esbocei rapidamente, refere-se à problemática do apagamento da *imagem de si* efetuada por Foucault e a reatualização veyniana dessa imagem como um problema coletivo e social. Em ambas as vias diagnosticamos sintomas para pensar as problemáticas que hoje nos ocupam e nos atravessam corporalmente. Voltemos à epígrafe:

Já no século II antes de Cristo o Deus-máquina descia ao centro da cena teatral para solucionar um conflito. Hoje, que pensamos a máquina como dispositivo, poderíamos nos perguntar se ela não continua a ter o caráter duplo de marco e de truque? (OSSA, 2019).

Como não podemos fazer descer ao Deus máquina, para consultá-lo sobre nossos conflitos, precisamos pensá-los agora em forma perspectivística. Uma dessas possibilidades é praticar a arte das distinções na própria problemática dos conflitos. Nossa referência, neste ponto, é Raul Ruiz, para quem há três estruturas para pensar o conflito: a anglo-saxã, que o entende como discussão gerando seu próprio adversário (e que se remonta ao século XIII), a francesa que, a partir de Simmel, entende o conflito como um “conjunto de operações políticas para se pôr de acordo” e ainda a chinesa, que como jogo¹⁰ o entende como diversas “operações mentais”. Nesse caso a distinção de Raul Ruiz procurava alternativas ao modelo narrativo-industrial que opera com automatismos na indústria cinematográfica e que não se desliga do mercado.

Voltemos ao cenário da atualidade e digamos que também ao pensar o conflito em termos de neoliberalismo, *somatocracia* ou biopolítica, por exemplo, teríamos que ter o cuidado de fazer as distinções pertinentes. Por outra parte é preciso se perguntar se recolhendo essas (e muitas outras) pequenas problemáticas marginais que dizem respeito às escolhas e aos procedimentos filosóficos no presente, poderíamos ativar a trilogia: *querer, criar e estimar*? É possível que ao acordar as velhas temáticas dos sonhos e das

¹⁰ Trata-se do “juego del cacho alemán” (usando a expressão em castelhano), que os chineses denominariam “jogo da tartaruga” (numa representação do universo). Nesse último caso opera-se com os elementos: água, madeira, metal, fogo e terra, incluindo o controle entre eles. (RUIZ: 2002, <https://www.youtube.com/watch?v=eJ6M0WlVU&t=1340s>)

imagens, possamos inventar novos gestos marginais que nos afastem das simples críticas e denúncias quantificadas, oficializadas, mercadológicas e cristalizadas? Poderíamos trazê-las ao centro do cenário para fazer explodir procedimentos da atualidade aos quais simplesmente obedecemos e diante dos quais nos inclinamos, como se tivéssemos criado um altar fantasmagórico? Não estaria esse novo altar determinado predominantemente pelo *uso* que temos dado às máquinas tecnológicas e informáticas como procedimentos de cálculo, de competência quantitativa e de administração e produtividade acelerada de si mesmo no cenário que produzimos como atual? Porém, não é preciso também abandonar aquela *senhora moralista* em que transformamos a técnica ao avaliá-la em termos de bem e mal? Não é urgente nos deslocar e privilegiar a temática do *uso* para analisar sonhos, textos, imagens e técnicas?

A essa serie interrogativa poderíamos acrescentar, talvez, a própria ligação entre biopolítica afirmativa, que se esboçaria como continuidade entre a vida humana e animal a partir de Nietzsche. É possível que essa continuidade se transforme numa “fonte de resistência ao projeto de dominação e controle dos processos vitais”, na medida em que a vida animal se entende como cultivo e “a cultura como recuperação da vida dos sonhos, das ilusões, e das paixões do animal”? (LEMM: 2010, 20 e 28)

Também teríamos que fazer distinções nas críticas totalizantes às temáticas que acabam surgindo nas diversas plataformas tecnológicas. Neste aspecto poderíamos destacar o afastamento do julgamento negativo das selfies das mulheres, quando reduzidas aos termos de patriarcado e capitalismo. Não é preciso acompanhar as cuidadosas distinções que poderiam estar ocultas nessa aparente “superficialidade das selfies” pesquisando seus diversos usos e vislumbrando a possibilidade da conquista de um *sentimento de si* abafado por séculos? (PIAZZESI & MONGRAIN: 2020, 135-151).

Porém, são todas interrogantes e não assertivas, mas que segundo nossa aposta poderíamos efetivar lenta e pacientemente como resistências afirmativas e catalizadoras, para continuar a criar outras, na tarefa e luta interminável que inclui a autodestruição constante dos próprios mecanismos pelos quais somos atravessados.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. “Préface”. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. In: FOUCAULT, M. **Dits et écrits, III**: Paris, Gallimard:133-35, 1994a.

_____. “Les techniques de soi” In: _____. **Dits et écrits, IV**, Paris, Gallimard: 783-813, 1994b.

_____. **L’Herméneutique du sujet**. Paris, Gallimard, Seuil, 2001.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Marcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. « La pensée du dehors ». In: **Œuvres, II**, Paris, Gallimard, 2015.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche et le cercle vicieux**. Mercure de France, Paris. 1969.

LEMM, Vanessa. **La filosofía animal de Nietzsche. Cultura, política y animalidad del ser humano**, Ed. Universidad Diego Portales, Santiago, Chile, 2010.

MUÑOZ, Yolanda G. Gamboa. **Escolher a montanha: os curiosos percursos de Paul Veyne**. Ed. Humanitas - USP/FAPESP, 2005.

_____. “Ariadne/Artemidoro: Máscaras Liberadoras”. In: BUTTURI, Atilio (Org.). *et. al. Foucault: As práticas da Liberdade II: topologias, políticas & heterotopologias* Pontes Editores, Campinas SP, p. 175-188, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Trad. R. R. Torres Filho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Also sprach Zarathustra**. Bonn: Insel Verlag, 2007.

_____. **Así habló Zaratustra**. Trad. de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza, 1972.

OSSA, Carlos. **Participação oral no VI Congresso Sulamericano de Biopolítica**, Santiago, Chile, outubro de 2019.

PLATÃO. **A República**. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PIAZZESI, Chiara; MONGRAIN, Catherine Lavoie «Selfies de femmes, négociation normative et production de culture visuelle sur Instagram et Facebook ». **Recherches féministes**, vol. 33, n° 1, 2020, p. 135-151.

RUIZ, Raúl. Entrevista. **La Belleza del pensar**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJ6M0WivuUU&t=1340s>

SALINAS, Adán Biopolítica, sinopses de um conceito. **HYBRIS. Revista de Filosofia**, Vol. 6 N° 2. ISSN 0718-8382, Noviembre 2015, 101-137.

VEYNE, Paul. "L'individu atteint au coeur par la puissance publique". In: VEYNE, P. et. al. **Colloque de Royaumont. Sur l'individu**. Paris, Éd. du Seuil, 7-19, 1987.